



Perfil do participante da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental

Dra. SANDRA BELTRAN PEDREROS

C. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5221674282706682>

Perfil do participante da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental

Análise de Dados

Características da amostra

Participaram 135 pessoas, que se declararam majoritariamente mulheres e homens cis (n = 77, 57,04% e n = 54, 40% respectivamente; Tabela 1, Figura 1). Embora a maioria, 72,6% (n = 98) não se identificaram como LGBTQIA+, 25,92% (n = 35) sim o fazem, em especial os participantes das duas primeiras faixas etárias: de 20 a 30 com 8,15% e de 31 a 40 anos com 11,85%. Dos 35 participantes que se identificaram como LGBTQIA+ 57,14% (n = 20) eram mulheres cis.

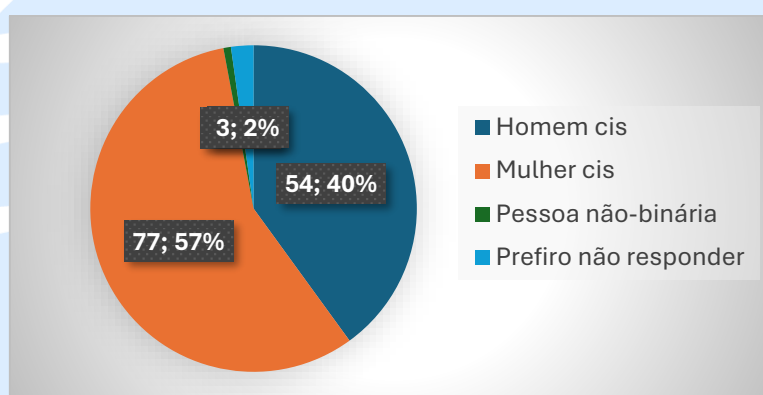


Figura 1. Percentual da Identidade de gênero

Quanto à idade, a amostra teve uma tendência à homogeneidade nas primeiras quatro faixas etárias (Tabela 1), ainda assim, 51,10% eram das faixas etárias de 31 a 40 anos (23,7%) e de 41 a 50 anos (27,4%), indicando uma maior participação e composição de adultos maduros na atividade profissional, tendência que se segue, ainda, na faixa etária de 51 a 60 anos.

Tabela 1. Composição da amostra, em valores absolutos, por faixa etária e identidade de gênero

Identidade de Gênero	20 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	61 a 70 anos	71 a 80 anos	Total Geral
Homem cis	8	9	17	9	9	2	54
Mulher cis	12	22	20	16	6	1	77
Não-binária		1					1
Prefiro não responder				2	1		3
Total Geral	20	32	37	27	16	3	135

No quesito raça (Tabela 2), 75,55% (n = 102) declararam-se brancos, 17,04% (n = 23) como pardos e 5,18% (n = 7) como pretos. Só um indivíduo se declarou indígena e um outro como amarelo. Entre os brancos temos 59 mulheres cis e 41 homens cis, e, desse grupo de brancos o 24,5% (n = 25) se identificaram como LGBTQIA+, sendo que no grupo de pardos o percentual foi maior: 30,43% (n = 7)

Tabela 2. Composição da amostra, em valores absolutos, por raça e gênero

Raça	Homem cis	Mulher cis	Não-binária	Não responder	Total Geral
Amarela		1			1
Branca	41	59		2	102
Indígena			1		1
Parda	10	13			23
Não responder				1	1
Preta	3	4			7
Total Geral	54	77	1	3	135

Onde atuam esses profissionais?

É importante lembrar que neste quesito, local onde atuam (Tabela 3), os participantes tinham a possibilidade de marcar várias opções, ainda assim 47,41% (n = 64) atuam na região sudeste do Brasil, sendo a região com maior participação e/ou espaços de atuação profissional. Considerando a faixa etária as participantes de 31 a 40 anos e de 41 a 50 anos foram os que mais regiões indicaram como locais de atuação; já que dos 32 e 37 participantes reais, quando se analisa a tabela, se observa 17 e 14 “participantes” a mais em cada faixa etária. Isso só significa que membros nessas faixas etárias atuam em mais de uma região. Caso totalmente diferente nas duas maiores faixas etárias onde os participantes indicaram só uma região onde atuam.

Tabela 3. Frequência da região de atuação dos participantes para as diferentes faixas etárias

Faixa etária	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Fora Brasil
20 a 30 anos (20)		6	2	7	4	3
31 a 40 anos (32)	9	7	7	18	7	1
41 a 50 anos (37)	9	6	7	16	6	7
51 a 60 anos (27)	2	3	4	12	7	1
61 a 70 anos (16)	1	1	1	10	3	
71 a 80 anos (3)		1		1	1	
total	21	24	21	64	28	12

Considerando, ainda, o local onde atuam, as mulheres cis (n = 77) apresentam a maior amplitude de locais de atuação, já que 24 “indivíduos” a mais estavam presentes na frequência, enquanto dos 54 homens cis, foram 10 “indivíduos” a mais na frequência; e, por conseguinte, os brancos que foram maioria na amostra (n = 102), também apresentaram a maior amplitude de locais de atuação, com 31 “indivíduos” a mais.

Estes resultados indicam que os profissionais que atuam na região sudeste são majoritariamente brancos, também atuam em outras regiões do país e estão entre os 31 e 50 anos de idade.

Formação profissional e Escolaridade

Dos 135 participantes, 94,08% (n = 127) são formados em Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Outras profissões relacionadas foram: Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial (n=1), Publicidade e Propaganda (n=1), Administração (n=1), Ciências do Estado (n=1), Ciências Sociais (n=2) e estudantes de jornalismo (n=2).

Existe uma incoerência no número de estudantes de jornalismo, já que além dos dois (2) que declararam como formação profissional serem estudantes, outros quatro (4) declararam estar no Nível de escolaridade de Superior Incompleto, mas indicaram o Jornalismo ou Comunicação Social com habilitação em Jornalismo como sua principal formação, o que implica que esta formação possui realmente 123 participantes.

Em relação ao Nível de Escolaridade (Tabela 4), 95,55% (n = 129) possuem graduação completa. A realização de uma pós-graduação não é obrigatoriamente consecutiva, isto é, não é necessário ter especialização para realizar o mestrado ou o doutorado. Nesse sentido, as respostas a esta pergunta representam o máximo nível atingido e não necessariamente todos os conseguidos.

Nessa ordem de ideias, somente 31% (n = 4 dos 129 graduados) possuem pós-doutorado e naturalmente são participantes com idades entre 41 e 60 anos, dois (2) homens cis e duas (2) mulheres cis. Porém, é de destacar os percentuais de Especialistas 27,9%, Mestres 19,38% e Doutores 10,85% já formados (n = 36, n = 25 e n = 14 respectivamente).

Tabela 4. Número total de participantes por faixa etária e nível de escolaridade

Nível de Escolaridade	20 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	61 a 70 anos	71 a 80 anos	Total Geral
Superior - Incompleto	4		2				6
Superior - Completo	8	8	3		4		23
Pós-graduação (Lato sensu) - Incompleto	1	3	4	1			9
Pós-graduação (Lato sensu) - Completo	1	9	11	9	5	1	36
Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) - Incompleto	4	1	2	3	1		11
Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) - Completo	1	6	7	6	5		25
Pós-graduação (Stricto sensu, nível doutor) - Incompleto	1	2	4				7
Pós-graduação (Stricto sensu, nível doutor) - Completo		3	2	6	1	2	14
Pós-doutorado			2	2			4
Total Geral	20	32	37	27	16	3	135

Dos participantes com pós-doutorado, um (1) atua na região Norte do Brasil, dois (2) no Sul e um (1) Fora do Brasil, enquanto os detentores de doutorado e

mestrado atuam em várias regiões do Brasil simultaneamente, sendo maior a atuação de profissionais com níveis de escolaridade de pós-graduação completo no Sudeste e no Sul.

A tendência entre mulheres cis e homens cis sobre o nível de escolaridade é de maior número de mulheres nos níveis de pós-graduação completo de Especialistas e Mestres e igual ao dos homens no doutorado e pós-doutorado (Tabela 5); mas as mulheres são maioria nos mesmos níveis incompletos. Os resultados acompanham uma tendência mundial em que as mulheres estão realizando altos investimentos para sua formação e assim, poder ocupar cargos e espaços antes ocupados e liderados exclusivamente por homens.

Tabela 5. Número de homens cis e mulheres cis para cada um dos níveis de escolaridade.

Nível de Escolaridade	Homem cis	Mulher cis
Superior - Incompleto	1	5
Superior - Completo	12	11
Pós-graduação (Lato sensu) - Incompleto	4	4
Pós-graduação (Lato sensu) - Completo	12	23
Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) - Incompleto	5	6
Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) - Completo	11	14
Pós-graduação (Stricto sensu, nível doutor) - Incompleto	1	6
Pós-graduação (Stricto sensu, nível doutor) - Completo	6	6
Pós-doutorado	2	2
Total Geral	54	77

Tempo e Áreas de Atuação

A atuação como jornalista não exige uma formação profissional, pelo menos tem sido assim por muitos anos, embora a tendência seja dar mais espaço à formação acadêmica profissional. Essa atuação profissional de pessoas com Nível de Escolaridade Superior Incompleto (Tabela 6), mas com 1 a 4 anos de atuação ($n = 2$) e com 15 a 19 anos de atuação ($n = 2$) pode estar representada por pessoas que consideram seus estágios como parte dessa experiência e/ou dos que podem estar atuando em mídias (como a rádio) comunitárias.

A faixa etária de mais de 30 anos de atuação profissional foi a mais representativa ($n = 29$; 21,48%), e ainda profissionais com 10 a 14 anos de atuação representam o 16,3% ($n = 22$) e, com 15 a 19 anos o 14,8% ($n = 20$). Mas, fica evidente a tendência de melhorar o nível de escolaridade com o tempo de atuação, indicando o interesse por uma qualificação mais criteriosa e até especializada; algo importante quando se faz parte de um grupo especializado como é o caso da Rede Brasileira de Jornalistas Ambientais.

Tabela 6. Número de pessoas para cada uma das faixas de anos de atuação profissional, em relação ao Nível de Escolaridade

Nível de Escolaridade	1 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	24 a 29 anos	30 anos ou mais
Superior - Incompleto	2			2			
Superior - Completo	4	4	5	5		1	3
Pós-graduação (Lato sensu) - Incompleto	1	1	1	3	1		2
Pós-graduação (Lato sensu) - Completo		1	9	6	5	7	8
Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) - Incompleto	2	2	1	2	2		2
Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) - Completo	1		4	4	2	6	8
Pós-graduação (Stricto sensu, nível doutor) - Incompleto	1		1	2	1	1	
Pós-graduação (Stricto sensu, nível doutor) - Completo			1	5	1	3	4
Pós-doutorado				1	1		2
Total Geral	11	8	22	20	13	18	29

Em relação às áreas de atuação profissional dos participantes (Tabela 7), eles podiam escolher várias opções da lista apresentada no questionário. As áreas de atuação ofertadas no questionário receberam um código para facilitar sua apresentação nas tabelas:

- AA-A. Veículo de comunicação (imprensa, rádio, TV, internet etc.)
- AA-B. Comunicação independente ou freelancer
- AA-C. Produção de conteúdo para redes sociais / influenciador(a)
- AA-D. Podcast / Vídeo / Audiovisual
- AA-E. Assessoria de comunicação - governo – setor público
- AA-F. Assessoria de comunicação - setor privado / empresas
- AA-G. Assessoria de comunicação - terceiro setor / ONGs / Coletivos
- AA-H. Docência no Ensino Superior
- AA-I. Pesquisa acadêmica / centros de pesquisa
- AA-J. Estudante de graduação
- AA-K. Estudante de pós-graduação (mestrado, doutorado, especialização)
- AA-L. Atuação em movimentos sociais / ativismo
- AA-M. Jornalismo comunitário / popular

Considerando a totalidade de participantes, as duas áreas de atuação mais frequentes foram Comunicação independente ou freelancer (AA-B: n = 68 e 50,37%) e Veículo de comunicação (imprensa, rádio, TV, internet etc.) (AA-A: n = 58 e 42,96%), o que indica uma forte tendência a serem profissionais que atuam sem vínculo empregatício nem estabilidade laboral; mas também deixa em evidência que são profissionais que possuem uma rede de contatos e trabalho que lhes garante o ingresso econômico.

Tabela 7. Frequência de áreas de atuação (AA) para o total de participantes e em relação à região onde atuam (N: Norte, NE: Nordeste, CO: Centro-Oeste, SE: Sudeste, S: Sul e FORA: Fora do Brasil)

AA	Total	N	NE	CO	SE	S	FORA
AA-A	58	8	10	7	32	9	5
AA-B	68	10	16	11	28	14	6
AA-C	26	2	7	3	14	4	1
AA-D	22	2	6	3	14	3	2
AA-E	15		3	4	5	3	
AA-F	18	2	2	3	11	3	2
AA-G	30	7	4	8	11	9	2
AA-H	14	2	2	2	2	6	1
AA-I	25	2	3	1	10	10	2
AA-J	9		5	1	3		
AA-K	18	1	2	2	7	5	3
AA-L	27	7	6	6	10	9	3
AA-M	11	2	1	2	4	3	

Dos três tipos de Assessoria de comunicação, o maior percentual está na Assessoria de comunicação do terceiro setor / ONGs / Coletivos, 22,22% (AA-G: n = 30) que está presente em todas as regiões e atuação. Por sua vez, das áreas de atuação relacionadas com a academia sejam no ensino ou na pesquisa foi a Pesquisa acadêmica a mais representativa (AA-I: n = 25 e 18,52%), já que nesta área podem estar vinculados tanto a Docência no Ensino Superior (AA-H: n = 14 e 10,37%), assim como os Estudante de pós-graduação (AA-K: n = 18 e 13,33%) que por suas atividades acadêmicas devem desenvolver pesquisa.

Das áreas Atuação em movimentos sociais / ativismo (AA-L) e Jornalismo comunitário / popular (AA-M), mas relacionadas ao jornalismo social que busca dar voz e divulgar ou, ainda, denunciar, ações que ocorrem em grupos minoritários e distantes geograficamente dos centros de comunicação; foi a AA-L que apresentou o maior percentual (20% e n = 27), ratificando o papel de membros da RBJA na comunicação e divulgação de notícias dos movimentos sociais.

Ainda sobre as áreas de atuação, somente as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste possuem profissionais atuando em todas as áreas, e a região Norte é a única que não teve presença de jornalistas atuando na Assessoria de comunicação do setor público.

A Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental - RBJA

A RBJA foi criada 1998, e a composição dos participantes, em relação ao tempo em que fazem parte (ou não) (Figura 2), indica que a maioria está recentemente na rede de 1 a 4 anos (até 1 ano 16,2% e de 2 a 4 anos 16,9%), já os percentuais dos que estão na rede entre 10 e 24 anos estão abaixo do 10%. Um dado importante é que 15,4% dos participantes da enquete não são membros da RBJA.

A RBJA está prestes a completar 30 anos de fundada e os percentuais indicam baixa aderência à rede, quiçá falta divulgação e maior visibilidade dos

profissionais quando atuam diretamente com matérias relacionadas ao meio ambiente. Mas, um dado relevante é que desse grupo de não membros, 92,6% têm interesse em se tornar associados da RBJA.

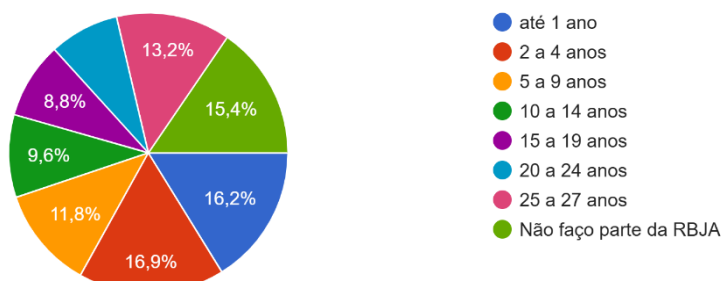


Figura 2. Percentual de participantes para cada uma das faixas de tempo de membresia na RBJA

A participação na RBJA foi avaliada com base na percepção que cada participante tem nas ações da rede, por tratar-se de percepção pessoal é altamente subjetivo, já que a resposta pode estar vinculada a uma valoração maior do que a pessoa realmente desenvolve, ou, ainda, uma crítica às poucas oportunidades de participação (Figura 3).

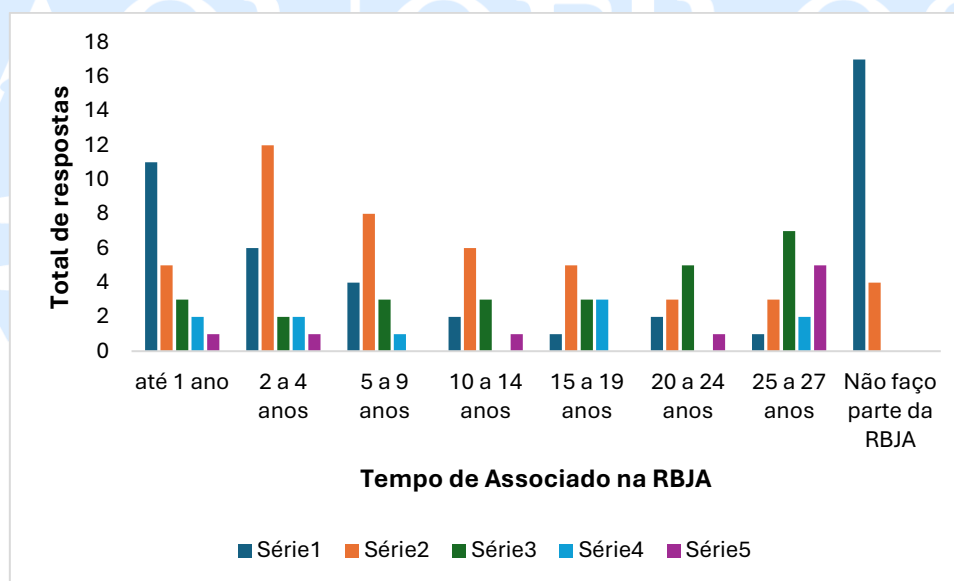


Figura 3. Nível de percepção pessoal sobre a participação nas atividades da RBJA. Série 1: Nenhuma, Série 2: Muito Pouca, Série 3: Aceitável, Série 4: Frequente e Série 5: Muito Frequente

De fato, os mais novos membros da rede até os 9 anos de associado apresentam avaliação negativa na sua participação, de 1 como nenhuma e 2 como muito pouca. Essa avaliação vai melhorando na medida que os participantes possuem mais tempo da rede onde se observa uma maior tendência a considerar que participam de forma aceitável (Série 3). Ainda assim, somente os veteranos na rede ponderam sua participação como muito frequente, o que tem sua lógica, pois são eles os que norteiam e gerenciam as atividades da rede.

Considerando o nível de escolaridade, essa percepção de participação (Tabela 8) apresenta uma tendência a que todos os níveis de escolaridade avaliam negativamente sua participação na rede, novamente são Especialistas (Pós-graduação lato sensu completo), mestres e doutores os que melhor avaliam.

Então, pode-se dizer que independente do tempo como associado e da escolaridade, existe um descontentamento na maioria dos membros da rede quanto a sua participação e interação com os membros e atividades da RBJA.

Tabela 8. Nível de percepção pessoal sobre a participação e interação nas atividades da RBJA. S1: Nenhuma, S2: Muito Pouca, S3: Aceitável, S4: Frequente e S5: Muito Frequente

Nível de Escolaridade	S1	S2	S3	S4	S5
Superior - Incompleto	4	2			
Superior - Completo	9	8	2	3	1
Pós-graduação (Lato sensu) - Incompleto	3	4	1	1	
Pós-graduação (Lato sensu) - Completo	6	16	9	3	2
Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) - Incompleto	6	1	3		1
Pós-graduação (Stricto sensu, nível mestrado) - Completo	11	7	3	3	1
Pós-graduação (Stricto sensu, nível doutor) - Incompleto	1	2	4		
Pós-graduação (Stricto sensu, nível doutor) - Completo	3	6	4		1
Pós-doutorado	1				3

Naturalmente o ser associado a uma organização geralmente implica o pago de uma taxa, que pode depender do nível de escolaridade ou do tipo de membro que se deseja ser; valores que geram um capital destinado para a manutenção básica e legal da organização e o desenvolvimento de programas, projetos e ações que beneficiem seus membros e angariem mais associados e verbas.

No caso da RBJA (Figura 4) existe, 37,5% dos participantes aceitariam pagar uma taxa mensal entre \$20,00 e \$40,00 e 36% até \$20,00; porém, 12,5% não estaria disposto a pagar. Existem agremiações que possuem taxas de associação mais caras, exemplo disso é a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC (<https://portal.sbpcnet.org.br/socios/associe-se>), que se bem não é das caras, é dos grupos com maior número de associados na área do meio ambiente e outras ciências e tem taxas entre \$60,00 e \$200,00 dependendo da categoria.

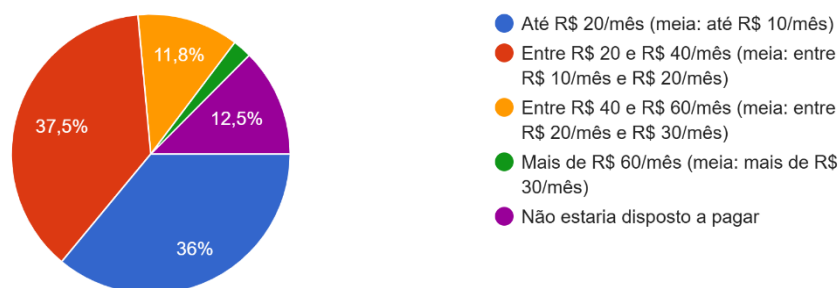


Figura 4. Valores propostos de taxa mensal como associado e percentual de participantes que aceitaria esse pagamento

A necessidade de atrair mais profissionais para que se tornem associados, que concordem pagar uma taxa mensal de manutenção, implica ofertar benefícios. A lista de benefícios sugerida, também, foi codificada para facilitar sua apresentação na tabela (Tabela 9):

- BN-A. Assistência jurídica
- BN-B. Acesso a bancos de dados e fontes
- BN-C. Acesso a atividades educativas e de formação, como palestras, oficinas e mesas redondas
- BN-D. Rede de mentoria
- BN-E. Acesso a rede de jornalistas para firmar parcerias
- BN-F. Trabalhos colaborativos
- BN-G. Oportunidades para financiamentos e bolsas para reportagens
- BN-H. Descontos em redes de livrarias, encontros de comunicação etc.
- BN-I. Assessoria de imprensa e visibilidade

Dos 135 participantes 75,55% (n = 102) mostraram seu interesse no acesso a bancos de dados e fontes (BN-B), com o mesmo percentual BN-C e BN-E foram dois benefícios muito desejados (71,11% e n= 96 cada um deles), assim como BN-F com 63,70% (n = 86). Esses quatro benefícios estão muito relacionados, já que se trata de ter acesso a outros profissionais da área, a dados e fontes, a atividades de formação e ao desenvolvimento de trabalhos colaborativos. Deixando em evidência que todos entendem que o desenvolvimento de sua profissão exige esse nível de conectividade.

Por sua vez, os dois benefícios menos votados foram BN-A (31,11% e n = 42) e BN-I (26,67% e n = 36), assessoria jurídica e a assessoria de imprensa e visibilidade. Tratando-se de jornalismo em um país com liberdade de expressão de prensa livre, é normal imaginar que os participantes não atuam, nem temem, represarias jurídicas por suas matérias. Da mesma forma, não parece ser fundamental ter a própria assessoria de imprensa e visibilidade, já que a maioria atua em alguma organização que lhes garante esses benefícios.

Tabela 9. Número de participantes interessados em cada um dos benefícios (BN) ofertados para o total de participantes e em relação à região onde atuam (N: Norte, NE: Nordeste, CO: Centro-Oeste, SE: Sudeste, S: Sul e FORA: Fora do Brasil)

Benefício	Total	N	NE	CO	SE	S	FORA
BN-A	42	8	12	7	22	10	1
BN-B	102	16	21	17	47	21	8
BN-C	96	15	19	15	43	21	5
BN-D	93	14	14	7	29	13	4
BN-E	96	16	20	15	49	17	10
BN-F	86	17	17	17	39	16	8
BN-G	82	12	19	9	41	20	3
BN-H	67	9	16	11	32	13	1
BN-I	36	4	7	7	14	6	3

Considerando que vários participantes declararam atuar em várias regiões do Brasil, os benefícios que a RBJA oferece podem atender mais ou menos em cada região. Neste sentido, em todas as regiões do Brasil os mesmos três benefícios já reconhecidos como de maior interesse (BN-B, BN-C e BN-E). Mas, para os que atuam na região Norte e Centro-Oeste o benefício mais importante é o BN-F (n = 17 para ambas as regiões) de trabalhos colaborativos, quiçá representada na necessidade de ampliar a conectividade de profissionais nessas regiões com o resto do país.

Os participantes que atuam nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul reconhecem as oportunidades para financiamentos e bolsas para reportagens como um benefício importante (BN-G: n = 19, n = 41 e n = 20 respectivamente). Isto pode estar relacionado com a necessidade de verbas para a realização de reportagens que implicam viagens, longos períodos fora da cidade base de trabalho e pagamento de meios de deslocamento custosos como embarcações, automóvel etc., para uma equipe de jornalismo que no mínimo são dois ou três pessoas.

Embora todos os participantes indicaram os benefícios que gostariam fossem ofertados pela RBJA, somente 97 indicaram as motivações para aceitar pagar a taxa mensal: fortalecimento da RBJA (30,91% e n = 30), aproveitar os benefícios (12,37% e n = 12), apoio à categoria (11,34% e n = 11), apoio para manutenção dos membros dedicados à gestão da RBJA (9,28% e n = 9) e fortalecer a comunidade de jornalistas ambientais (6,18% e n = 6).

Para finalizar, quando consultados os participantes se eram membros de algum outro tipo de associação, 106 responderam e surgiu uma longa lista de entidades, mas basicamente os participantes estão vinculados à ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), aos Sindicatos de Jornalista de diferentes estados (SP, AL, BA, CE, DF, RJ, RS, AC e MT), a Associação dos Jornalistas de Educação, a Associação Brasileira de Imprensa, a Associação Brasileira de Jornalismo Científico, além de vários Movimentos em Clima, Ambiente, Cultura, Ciência e Educação e, Núcleos de pesquisa em diferentes universidades.

Um aspecto importante no trabalho são as ferramentas de comunicação usadas pelos participantes. Ao respeito, 71,3% declararam usar preferencialmente o e-mail para comunicação e interação com colegas, junto a essa ferramenta o WhastApp foi a segunda mais usada, 69,1%; e em percentuais bem menores o perfil da RBJA nas redes sociais com 29,4%, o Slack com 12,5%, o Facebook com 6,6% e o Discord com 2,2%.

Para o crescimento e consolidação como referência em jornalismo ambiental, a RBJA deve estabelecer quais redes de comunicação, informação e divulgação serão usadas para cada um dos públicos-alvo. As redes para trabalho devem usar grupos fechados, enquanto a visibilidade da RBJA não deve estar limitada ao grémio dos jornalistas. Assim, é importante usar perfis que atingem um público mais amplo, o que permite angariar mais jornalistas interessados em fazer parte da rede, como também dar a conhecer as atividades da rede.